

OS PRIMÓRDIOS DA INSERÇÃO SOCIOCULTURAL DA MULHER BRASILEIRA

Cleide Maria Bocardo Cerdeira*

Resumo: O presente trabalho esboça um panorama da condição feminina na sociedade brasileira. Enfoca o início de sua inclusão sociocultural do período colonial ao industrial.

Palavras-chave: História do Brasil, Sociologia, História das Mulheres, Gênero.

Abstract: This paper outlines a view of women's condition in Brazilian society. It focuses on their sociocultural inclusion from colonial times to the industrial period.

Keywords: Brazilian History, Sociology, Women's Studies, Gender.

A economia colonial gerou a formação de uma sociedade, na qual a mulher ocupava uma posição peculiar, afetando grandemente sua imagem durante anos. Mantendo-se em segundo plano em relação ao homem,

* Doutora em História (USP), Coordenadora de Extensão e professora do Curso de Letras, Tradutor/Intérprete.

tanto econômica como socialmente, a mulher permaneceu à margem da sociedade e da historiografia brasileira.

Segundo Saint-Hilaire, a condição da mulher brasileira era tão inferior que sua posição na escala social podia ser comparada à de um cão.

“(...) Cercado de escravos, o brasileiro habitua-se a não ver senão escravos entre os seres sôbre (*sic*) os quais tem superioridade, seja pela fôrça (*sic*), seja pela inteligência. A mulher é, muitas vêzes (*sic*), a primeira escrava da casa , o cão é o último.”¹

As relações entre os homens e as mulheres e a conseqüente posição da mulher na família e na sociedade constituem parte de um sistema de dominação mais amplo. Por essa razão, a análise da posição social da mulher na ordem escravocrata senhorial

“(...) exige que se caracterize a forma pela qual se organizava e distribuía o poder na sociedade escravocrata brasileira, época em que se formaram certos complexos sociais justificados hoje em nome da tradição.”²

O período colonial brasileiro apresenta uma configuração exótica, na qual podem ser identificados traços das estruturas feudais européias, da estrutura patrimonialista que se desenvolvia na época, e a exploração da mão-de-obra escrava.³

No regime patriarcal, o homem tendia a transformar a mulher num ser diferente dele, criando jargões do tipo “sexo forte” e “sexo frágil”. No

¹Auguste de SAINT-HILAIRE, *Viagem à provincia de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, provincia cisplatina e missões do Paraguai*, p. 137-8.

²Heleieth Iara Bongiovani SAFFIOTI, *op. cit.*, p. 169.

Brasil colonial, a diferenciação parecia estar em todas as esferas, desde o modo de se trajarem até nos tipos que se estabeleciam. A sociedade patriarcal agrária extremava essa diferenciação, criando um padrão duplo de moralidade, no qual o homem era livre e a mulher, um instrumento de satisfação sexual. Esse padrão duplo de moralidade permitia também ao homem desfrutar do convívio social, dava-lhe oportunidades de iniciativa, enquanto a mulher cuidava da casa, dedicava-se aos filhos e dava ordens às escravas.⁴

A etiqueta, no sistema patriarcal brasileiro, a idolatria à fragilidade da mulher, tudo parecia denotar o gosto dos homens pela diferenciação e, em última instância, reforçar os conceitos de sexo forte, nobre e dominador.⁵

Valores como possuir pés pequenos e cintura fina eram artificiais, uma vez que se tornavam incômodos os modos de se vestir, envolvendo a própria liberdade física da mulher. É daí que vem a erotização da mulher, pois a sociedade não tinha outro modo de enxergá-la, a não ser como objeto sexual. Elas próprias buscavam essa diferenciação, seja no exagero de seus enfeites, seja no exagero de sua feminilidade.⁶ A literatura médica registra muitos casos de tuberculose feminina desencadeados pelas exigências da moda da época, que obrigava as mulheres a se vestirem de tal modo que seus pulmões não se expandiam corretamente,

³ *Ibidem*, p. 171-2.

⁴ Gilberto FREYRE, *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. p. 93.

prejudicando, assim, a própria respiração ou devido também à alimentação irregular.⁷

A indisciplina sexual estava presente na colônia. Muitos homens solteiros preferiam ter relações com escravas a se dedicarem a um lar. Aos casados, cabia perfeitamente o adultério. Somente moças que possuíam dote conseguiam contrair matrimônio. Para as das classes mais baixas, o casamento com dote estava fora de cogitação e, em conseqüência, elas entregavam-se à prostituição, devido à ausência de trabalho feminino. A situação da mulher no Brasil colonial era de extrema opressão social, econômica ou familiar.⁸

As mulheres brancas submetiam-se sem contestação ao poder do patriarca. Eram ignorantes e imaturas e casavam-se antes dos quinze anos. Ao contrair matrimônio, passavam do domínio paterno para o domínio do marido. Raramente saíam à rua e, quando o faziam, iam à igreja acompanhadas.⁹ Nessa sociedade, a mulher estava destinada ao casamento e a única possibilidade disponível para fugir do domínio do pai ou do marido era a reclusão em um convento.¹⁰

“(...) Embora algumas se tenham transformado em respeitáveis matronas, com considerável poder de mando sobre (*sic*) a escravaria doméstica, sua esfera de autoridade conservava-se nitidamente (*sic*) distinta do setor em que imperava o patriarca.”¹¹

⁵ *Ibidem*, p. 94.

⁶ *Ibidem*, p. 98-99.

⁷ *Ibidem*, p. 117.

⁸ Caio PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil Contemporâneo*, p. 353-4.

⁹ Heleieth Iara Bongiovani SAFFIOTI, *op. cit.*, p. 177-8.

¹⁰ *Ibidem*, p. 179.

¹¹ *Ibidem*, p. 178.

Contudo, deve-se ressaltar que havia, na sociedade escravocrata brasileira, uma aceitação total por parte das mulheres, fossem elas ociosas ou trabalhadoras, de sua posição submissa perante a figura masculina, tanto dentro da família como na sociedade em geral.

No período colonial, a educação não era valorizada. Os colonizadores portugueses e seus descendentes, que se dedicavam principalmente à agricultura, não julgavam a instrução necessária para executar suas tarefas diárias. Aqueles poucos desejosos de seguir uma carreira religiosa ficavam nas mãos dos jesuítas, que vieram para o Brasil com o intuito de catequizar os índios. Aprendiam com os jesuítas a dar continuidade ao trabalho desses religiosos.¹²

As mulheres das classes sociais altas tinham pouco acesso à já escassa cultura existente na colônia. A inadequação do sistema escolar brasileiro era apenas o reflexo da vida cultural da colônia.¹³

O limitado contato social e a cultura restrita tornavam a mulher mais conservadora que o homem e, conseqüentemente, o elemento de estabilidade da sociedade. As inovações sociais, políticas e culturais eram trazidas pelos filhos do sexo masculino da casa-grande, educados na Europa.¹⁴ Todavia, faltou-lhes a influência e a orientação da mãe que compreendesse o mundo.¹⁵

¹² Denise Medeiros Furtado ROMERO, Profissão: professor. *Estudos Acadêmicos Unibero*, (7): 37.

¹³ Marisa LAJOLO, Regina ZILBERMAN, *A formação da leitura no Brasil*. p. 135.

¹⁴ Heleieth Iara Bongiovani SAFFIOTI, *op. cit.*, p. 184.

¹⁵ Gilberto FREYRE, *op. cit.*, p. 114.

A maçonaria e outras sociedades secretas, surgidas no final do século XVIII, não permitiam a participação feminina no seu interior. Em conseqüência, os movimentos políticos que tinham origem nessas sociedades eram de homens da elite branca.

“(...) O afastamento da mulher em relação àquelas sociedades significava, pois, uma barreira à conscientização dos problemas econômicos e políticos nacionais por parte da população feminina pertencente à elite dominante.”
16

Dentro desse contexto, o marido encontrava-se completamente carente de uma mulher que fosse sua companheira. Qual foi o homem de destaque, cuja esposa se tornou conhecida pela sua colaboração? Há algum registro da ação feminina nesse período? Gilberto Freyre afirma que:

“(...) Da mulher-esposa, quando vivo ou ativo o marido, não se queria ouvir a voz na sala, entre conversas de homem, a não ser pedindo vestido novo, cantando modinha, rezando pelos homens; quase nunca aconselhando ou sugerindo o que quer que fosse de menos doméstico, de menos gracioso, de menos gentil; quase nunca metendo-se em assuntos de homem.”¹⁷

O escritor ressalta ainda que

“(...) Nunca numa sociedade aparentemente européia, os homens foram tão sós no seu esforço, como os nossos no tempo do Império; nem tão unilaterais na sua obra política, literária, científica. Unilaterais pela (...) falta de mulher (...) colaboradora do marido, do filho, do irmão, do amante (...)”
18

¹⁶ Heleieth Iara Bongiovani SAFFIOTI, *op. cit.*, p. 184.

¹⁷ Gilberto FREYRE, *op. cit.*, p. 108.

¹⁸ *Ibidem*, p. 114.

A chegada da família real e de toda a Corte portuguesa, no Rio de Janeiro no final de 1807, trouxe influências que acabaram por mudar a situação reinante na colônia, embora muitos costumes em relação às mulheres tivessem sido mantidos.

Com o processo de urbanização, a vida da mulher pertencente à elite dominante começa a se modificar. Ela não mais permanece reclusa à casa-grande, freqüentando festas, teatros e indo à igreja, o que possibilita um aumento em seus contatos sociais. Sua instrução geral, porém, permanece desvalorizada, uma vez que a sociedade espera que ela seja educada e não instruída. À sua educação doméstica acrescenta-se o cuidado com a conversação, para torná-la mais agradável nos eventos sociais.¹⁹

Expressões femininas como Narcisa Amália e, posteriormente, Júlia Lopes de Almeida começam a ser notadas na literatura no final do século XIX. Aos poucos, a mulher sai da domesticidade e integra-se finalmente na sociedade, a princípio como escritora ou professora. Em fins do século XIX, o Brasil já possui mulheres que sabem ler e escrever, limitando-se, no entanto, à esfera medíocre do romance francês. Uma grande mudança ocorre com o surgimento de Nísia Floresta, uma feminista que escandalizou muitas das jovens senhoras brasileiras acostumadas ao simples afrancesamento de sua cultura. O Padre Lopes Gama muitas vezes levantou a voz contra as feministas, acusando-as de serem terríveis

¹⁹ Heleieth Iara Bongiovani SAFFIOTI, *op. cit.*, p. 185-6.

pecadoras. Para ele, a mulher deveria somente se preocupar com a administração de sua casa. O Padre Lopes da Gama não se conformava em ver a mulher servil, embora medíocre, sendo lentamente substituída por outro tipo de mulher, uma mais “mundana”, que freqüentava teatros e salões de festas.²⁰

No entanto, apesar da opinião predominante de que as mulheres brasileiras do século XIX viviam sob um regime patriarcal e limitadas a uma vida doméstica, Bernardes²¹ põe em questão tais afirmações, buscando novos dados. Ao contrário do que se pode imaginar, após a análise de todos os depoimentos, romances e artigos selecionados em sua obra, sua prefaciadora Maria Isaura Pereira de Queiroz confirma que

“(…) Não parecia haver, assim, nem na maneira de pensar dos homens, nem na das mulheres, e nem no modo de agir destas, um único modelo preferencial que padronizasse as imagens e que tornasse sempre semelhantes comportamentos e atividades. Pelo contrário, entre os extremos detectados, opiniões e comportamentos revelavam uma gama de pontos intermediários, de nuances, separando a submissão total da total autonomia. Inferiorização e marginalização da mulher, dentro e fora do lar, não pareciam marcar irremediavelmente sua posição, nas famílias urbanas abastadas, no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. (...) O que reinava era a variedade.” (Queiroz *apud* Bernardes, 1989: XV)

²⁰ Gilberto FREYRE, *op. cit.*, p. 109-110.

²¹ Maria Thereza Caiuby Crescenti BERNARDES, *Mulheres de ontem?: Rio de Janeiro – século XIX*. Há uma pesquisa, no apêndice do livro, que consiste de uma lista de 99 mulheres escritoras e tradutoras residentes no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, durante o século XIX.

Além disso, Queiroz constata que uma das mais relevantes reivindicações dessas mulheres foi o acesso à instrução, além do fato de elas estarem cientes de seu estado de subordinação.²²

Mesmo assim, notava-se uma certa sacralização da mulher que, embora dançasse nos bailes de máscara, pouco falava, pouco fazia para libertar-se da opressão masculina, e permanecia virgem até o casamento. Sua saída às ruas foi feita por meio do teatro, da janela, do estudo de dança, de música e do francês. Foi esse o resultado da urbanização: a mulher burguesa, não menos servil que a senhora de engenho, porém mais culta.²³

Podemos visualizar melhor a inserção da mulher na sociedade e seu enriquecimento cultural, analisando os fatos sócio-econômicos, que se desenrolaram desde o período colonial até a fase de industrialização do país.

No período colonial, a igualdade jurídica entre os homens dificulta a realização da principal meta do sistema capitalista: a acumulação de capital. Por essa razão, a utilização da força de trabalho escrava constitui-se no meio adequado para atingir esse objetivo.²⁴

Contudo, a Revolução Industrial inglesa do século XVIII gera a necessidade de mão-de-obra livre assalariada para garantir a existência de um mercado consumidor e, assim, possibilitar a sobrevivência do

²² *Ibidem*, p. XIV.

²³ Gilberto FREYRE, *op. cit.*, p. 111.

²⁴ Heleieth Iara Bongiovani SAFFIOTI, *op. cit.*, p. 151.

capitalismo industrial. Como a tendência desse sistema de produção é conquistar cada vez mais mercados consumidores, a economia brasileira, baseada na mão-de-obra escrava não consumidora, mostra-se um entrave para a expansão do sistema.

Para superar tal obstáculo, a Inglaterra exige a abolição da escravidão brasileira. Em 1850, extingue-se o tráfico de negros no Brasil. Em conseqüência, o capital gasto anteriormente na compra de escravos passa a ser empregado em outros setores da economia, estimulando as atividades comerciais, financeiras e industriais.

A abolição da escravatura, obra masculina, provoca uma mudança no sistema de estratificação da sociedade em castas; porém nenhuma mudança ocorre na divisão da sociedade baseada no sexo. Conseqüentemente, esse fato tem significados diferentes para as mulheres brancas da camada senhorial e para as negras escravas. A mulher negra ganha a liberdade formal que não possuía, ascendendo na esfera social juntamente com o ex-escravo, permanecendo, porém, numa posição inferior a este. Enquanto o ex-escravo passa a ser considerado cidadão e, conseqüentemente, adquire o direito de votar, tanto a mulher negra como a branca ficam à margem desse processo. Portanto, a mulher branca sofre uma descensão social com relação ao homem negro.²⁵

O principal problema da economia nacional no final do século XIX é a busca por um produto agrário, cuja exportação supere o déficit da

²⁵ *Ibidem*, p. 186-7.

balança comercial. Nessa época, o café surge como um produto adequado ao solo brasileiro e de grande aceitação internacional.²⁶

O desenvolvimento da economia cafeeira coincide com o fim do tráfico de negros, gerando um problema de mão-de-obra, solucionado com o emprego da força de trabalho assalariada do imigrante que, a partir de 1870, começa a aportar no Brasil, vindos principalmente da Europa e da Ásia.

Como consequência da crescente utilização da mão-de-obra assalariada, a dinamização do mercado interno viabiliza o desenvolvimento do capitalismo industrial.

Os países envolvidos no conflito mundial de 1914-18, interrompem suas exportações, provocando uma menor concorrência para os produtos nacionais. Também o setor das indústrias subsidiárias desenvolve-se intensamente, favorecendo o desenvolvimento da indústria nacional.²⁷

A nova conjuntura econômica e social revela a necessidade de dar à mulher algum nível de instrução, não se abandonando, porém, a educação doméstica. Não há nessa época, contudo, o desejo de instruir igualmente homens e mulheres, nem tampouco promover uma equiparação dos papéis sociais dos elementos dos dois sexos.²⁸

A urbanização, que se acelerou na segunda metade do XIX, e a industrialização grandemente impulsionada nos anos 30 do século XX

²⁶ Celso FURTADO, *op. cit.*, p. 113.

²⁷ Caio PRADO JÚNIOR, *História econômica do Brasil*. p. 261.

²⁸ Heleieth Iara Bongiovani SAFFIOTI, *op. cit.*, p. 190.

afetaram a organização da família brasileira. Esses dois processos alteraram as dimensões da vida da mulher, uma vez que ela teve seus papéis no mundo econômico modificados. As mulheres saíram progressivamente da reclusão no lar para trabalhar em fábricas, lojas e escritórios. Essa mudança de comportamento alterou a sua postura no mundo exterior.²⁹

“(...) Minando o sistema de segregação sexual e o de reclusão da mulher no lar, decrescem as diferenças de participação cultural dos elementos femininos e masculinos. Dêste (*sic*) maior ajustamento da estrutura da família às novas condições de vida urbano-industrial adviriam profundas alterações na educação feminina.”³⁰

BIBLIOGRAFIA

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?: Rio de Janeiro – século XIX.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1989. (Coleção Coroa Vermelha – Estudos Brasileiros, 9).

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano.** 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio-INL, 1977.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** 22. ed. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1987.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1996. (Série Temas, 58)

²⁹ *Ibidem*, p. 189-190.

³⁰ *Ibidem*, p.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. 24. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

ROMERO, Denise Medeiros Furtado. Profissão: professor. **Estudos Acadêmicos Unibero**, São Paulo, n. 7, p. 36-42, mar. 1998.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Quatro Artes-INL, 1969.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, província cisplatina e missões do Paraguai**. Tradução de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins, 1940. (Biblioteca Histórica Brasileira, 2)